

**(IM)POLIDEZ NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DE NOTÍCIA DO SITE
SUL BAHIA NEWS E COMENTÁRIOS NO FACEBOOK**

**(IM)POLITENESS ON SOCIAL MEDIA: AN ANALYSIS OF NEWS FROM THE
SUL BAHIA NEWS WEBSITE AND COMMENTS ON FACEBOOK**

Aline Souza Santos¹
Carlos Henrique Alves dos Santos²
Celso Kallarrari³

Data de recebimento do texto: 23/04/2024

Data de aceite: 20/05/2024

Resumo: É cada vez comum que, com a era digital, informações sejam facilmente propagadas na mídia, tomando conta da *internet* por canais de comunicação e sendo replicadas em vários portais, *sites* de notícias e redes sociais. Nesse sentido, têm surgido milhões de pessoas conectadas falando sobre diversos temas e fatos do cotidiano, incluindo a situação de rua, criando até mesmo um certo alvoroço sobre tais acontecimentos. Este trabalho tem o objetivo de analisar estratégias de (im)polidez em comentários no *Facebook* e texto de *sites* de notícias que se relacionam à situação de rua no contexto baiano. A base teórica é constituída pela teoria da (im)polidez de Leech (1983), Brown e Levinson (1987) e Culpeper (1996). O *corpus* é composto por uma notícia publicada no *Sul Bahia News* e comentários do *Facebook* feitos em publicações do *Chapada News*. Os resultados mostram que estratégias de impolidez negativa utilizadas nas publicações geram atos de antipatia e despreocupação em relação à situação de rua. Na notícia do *Sul Bahia News*, alguns termos utilizados não restringem atos de ameaça que poderiam ser amenizados, dada a delicadeza do fato ocorrido, evitando efeitos de sentidos negativos. O uso inconveniente de polidez e impolidez agrava o problema social e torna mais difícil a luta contra ele. É inadequado dar a impressão de que a problemática é uma escolha do indivíduo, ou dizer que todos que estão nessa situação fizeram algo de ruim e isso justifica tal estado. O fato é que a polidez ou impolidez, a depender do grau de ameaça do ato, mesmo moderado, é sempre prejudicial, tendo em vista o conflito que se dá na interação.

Palavras-Chave: Mídia. (Im)polidez. Situação de rua. Bahia.

Abstract: It is increasingly common that, with the digital age, information is easily propagated in the media, taking over the internet through communication channels and being replicated on various portals, news sites and social networks. In this sense, millions of connected people have emerged talking about various topics and everyday facts, including homelessness, even creating a certain uproar about such events. This work aims to analyze (im)politeness strategies in comments on Facebook and text on news sites that relate to homelessness in the Bahian context. The theoretical basis is the theory of (im)politeness by Leech (1983), Brown and Levinson (1987) and Culpeper (1996). The corpus is composed of news published in Sul Bahia News and Facebook comments made in Chapada News publications. The results show that negative impoliteness strategies used in publications generate acts of antipathy and lack of concern regarding homelessness. In the Sul Bahia News news, some terms used do not restrict threatening acts that could be mitigated, given the delicacy of the event, avoiding negative effects. The inappropriate use of politeness and impoliteness aggravates the social problem and makes the fight against it more difficult. It is inappropriate to give the impression that the problem is an individual's choice, or to say that everyone in this situation has done something bad and that justifies such a state. The fact is that politeness or impoliteness, depending on the degree of threat of the act, even moderate, is always harmful, given the conflict that occurs in the interaction.

Keywords: Media. (Im)politeness. Homelessness. Bahia.

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus X). E-mail: aliness8023@gmail.com

² Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) vinculado ao Departamento de Educação - Campus X da Universidade do Estado da Bahia - DEDC X / UNEB. E-mail: E-mail: carloshenrique.ceu@gmail.com

³ Professor do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Estadual da Bahia – PPGL, UNEB, Campus X. E-mail: ckallarrari@uneb.br

Introdução

Em uma época em que a comunicação se dá de forma mais facilitada via redes sociais que fazem parte da vida da maioria das pessoas, as relações sociais sofreram alterações e as pessoas se adaptaram a esse novo cenário tecnológico. Os usuários consultam, avaliam e produzem constantemente informações na rede, o que se mostra um campo fértil para análise no que diz respeito à (im)polidez linguística. Em vista disso, os aspectos de polidez e impolidez são vistos como condição de uso da linguagem e fazem referência às formas pelos quais as pessoas se expressam. De fato, o uso da linguagem é parte integrante do material que constrói as relações sociais (Brown e Levinson, 1987, p. 55).

Portanto, a comunicação aqui será considerada não apenas como meio de informação, mas interação, devido as relações sociais geradas por tal comunicação, por meio da troca de aspectos simbólicos que carregam em si a cultura, a história e a política. A linguagem é a expressão do social.

Como temática social, opta-se por tratar da situação de rua e por verificar de que forma aparece a polidez e impolidez em materiais linguísticos que fazem referência à problemática social. Às vezes, a situação de rua não é tratada pela considerável gravidade do problema, mas quase sempre vira notícia somente quando acontece algo inusitado que desperte a curiosidade. Raramente as pessoas em situação de rua são vistas pela mídia geral como cidadãos e cidadãs que vivem um complexo problema social, oriundos da falta de um sistema político e econômico que não gere desigualdade social. Muitas vezes, a situação de rua é vista de maneira equivocada por quem acessa informações disponíveis na mídia, e isso, pode levar a compreensão de que o problema social é comum e não carece de resolução, por exemplo. Dessa forma, é pertinente trazer os estudos da polidez ou impolidez ligadas a questões como a situação de rua, a fim de dar maior visibilidade a esta problemática.

A respeito dos pressupostos teóricos da (im)polidez linguística, consideramos as contribuições de Leech (1983) e Brown e Levinson (1987). Ainda pautados nessa mesma linha, utilizamos o trabalho de Culpeper (1996) no que se refere às estratégias comunicativas da (im)polidez. Além disso, pretendemos contextualizar a temática da situação de rua e o *corpus* analisado: uma notícia intitulada “*Baiano em situação de rua flagrado com esposa de personal fala pela primeira vez e diz que sexo foi consensual*”

publicado no *Sul Bahia News* e comentários publicados no *facebook* relacionados ao assunto em questão.

Nessa perspectiva, a proposta deste trabalho tem como objetivo analisar estratégias de (im)polidez em texto de *site* de notícia e comentários no *Facebook* que se relacionem à situação de rua no estado da Bahia. Na primeira seção, apresentar-se-á a fundamentação teórica principal da polidez e impolidez. A subseção que se segue visa apresentar as estratégias comunicativas da (im)polidez que serão utilizadas nas análises. A segunda relaciona-se aos conhecimentos sobre a situação de rua e dados de pesquisa à nível nacional, estadual e municipal. A terceira destaca a metodologia adotada no trabalho, contextualização do *corpus* e local de pesquisa. Na última, será feita análise dos dados levantados, buscando discussões que poderão ser feitas a partir dos pressupostos teóricos de estratégias de polidez e impolidez linguística.

1 Alguns pressupostos teóricos da polidez e impolidez linguística

Os estudos sobre polidez e impolidez são relativamente recentes e remontam a década de 60, quando Grice (1982) dizia ser possível compreender aspectos da linguagem que vão além das máximas conversacionais. Na década de 60 e 80, surgiram autores como Lakoff (1973), Leech (1983) e Brown e Levinson (1987) que destacavam que, no ato da comunicação, a preferência é por estabelecer/manter relação social no propósito de manter contrato conversacional restrito à comunicação de informação. Em outras palavras, os autores enfatizavam que a interação tem maior relevância em relação à qualidade e quantidade de informações.

De acordo com as observações de Paiva e Oliveira (2019) sobre o diálogo possível entre polidez e impolidez, Grice (1982) e Leech (1983) considera que a comunicação se orienta pelo princípio da polidez; em vista de que as ações dos sujeitos se orientam um para o outro, isso consiste na atenuação da informação entre dois participantes, um pode ser chamado de *self*, indicado pela letra S, e outro pode ser indicado pela letra H. A polidez também pode envolver terceiras partes que podem ou não ser indicadas no momento da fala. Leech (1983) declara sua convicção de que os falantes orientam polidez um ao outro, maximizando os custos para si e minimizando os custos do interlocutor.

Além da polidez, está a impolidez, que incluem formas de o locutor atacar as faces positivas ou negativas dos interlocutores. Esta estratégia opera de forma semelhante a

polidez, pois também pode ser utilizado um acervo de estratégias para atacar um aos outros, seja na polidez ou na impolidez, é desfavorável aos outros, criando conflitos na interação (Culpeper, 1996).

De acordo com Cunha e Oliveira (2020, p. 138), há várias abordagens que tratam dos estudos da polidez. Tais abordagens foram fortemente influenciadas pela teoria dos atos de fala de Austin (1962) e do seu sucessor, Searle (1965; 1968; 1995), bem como a teoria das implicaturas de Grice (1975). Embora cada abordagem tenha deixado sua contribuição, as que foram mais eminentes foram os estudos de Brown e Levinson (1987), Leech e Lakoff (1983), as quais servirão para nossa análise do corpus investigado.

1.1 Estratégias de (im)polidez

As estratégias de polidez e impolidez, bem como a escolha de cada uma, fazem parte da linguagem e são realizadas na linguagem, permitindo que o falante explicita (ou não) sua real intenção. Segundo Brown e Levinson (1987), há, nas interações, atos de ameaça que se tornam amenos a partir do uso de estratégias de polidez e atenuados por meio das estratégias de impolidez. Albuquerque e Muniz (2020, p. 165) descrevem a polidez como aquela que tem a função de arredondar os ângulos, bem como “polir” unidades linguísticas que fazem parte da comunicação para evitar conflitos entre os usuários da língua, e afirma que “ela é resultante da necessidade dos interagentes em manter o equilíbrio nas relações interpessoais, abarcando um conjunto de estratégias que almejam reduzir o conflito com o outro”.

Sobre a impolidez, Culpeper (2011) afirma que tal é um uso mais agressivo da linguagem, o que envolve incompatibilidade, a oposição de interesses e, conseqüentemente, o conflito entre os envolvidos na interação. Ele diz que a impolidez está relacionada a: “uma atitude negativa para comportamentos específicos ocorrendo em contextos específicos” (Culpeper, 2011, p. 23).

Brown e Levinson (1987, p. 103) faz a seguinte reflexão sobre polidez positiva e negativa:

a polidez positiva é a reparação dirigida ao rosto positivo do destinatário, seu desejo perene de que seus desejos (ou as ações/aquisições/valores resultantes deles) sejam considerados como desejáveis. A reparação consiste em satisfazer parcialmente esse desejo, comunicando que os próprios desejos (ou alguns deles) são, em alguns aspectos, semelhantes

aos desejos do destinatário. Ao contrário da cortesia negativa, a cortesia positiva não é necessariamente redirecionada para a face particular do desejo [...].

As estratégias de polidez estão incluídas dentro do modelo teórico proposto por este autor citado acima. De acordo com Culpeper (1996, p. 357), para realização da análise de polidez deve-se observar as estratégias que se seguem:

- **sem ação reparadora:** ligado à realização do *Face Threatening Act* (FTA) o que significa “enfrentar ato ameaçador”. O falante realiza o FTA de forma direta, concisa e clara. Um exemplo disso seria a frase “Abra a janela!”. Aqui a intenção comunicativa do falante aparece de maneira clara para o ouvinte, ou seja, a estratégia é *on record*.
- **polidez positiva:** é necessário que o falante profira o ato ameaçador da face positiva (*on record*), utilizando de estratégias que atenuem a ameaça. Há cordialidade entre o falante e ouvinte, demonstrando respeito entre as partes.
- **polidez negativa:** o ato ameaçador aqui dito é da face negativa (*on record*), a estratégia também exige diminuição da ameaça. Quanto a isso, o autor traz o seguinte exemplo: “Por favor, será que você poderia abrir a janela?”. Tal emprego faz com que o falante não invada o território do ouvinte, garantindo sua liberdade de ação.
- **off record:** não inclui clareza do falante em relação a intenção comunicativa. O falante se mantém restrito a atos de fala indiretos não-convencionais, metáfora, ironia, insinuações, entre outros. O uso de tal estratégia faz com que o falante seja extremamente não-coercitivo e atencioso.
- **não fazer o FTA:** sempre pensando em evitar ofensa contra o ouvinte, o falante opta por simplesmente não proferir qualquer ato ameaçador, não ocorrendo comunicação.

Como visto, há várias faces inclusas na comunicação. Brown e Levinson (1987) parte da ideia de que todo ato de fala é ameaçador para pelo menos uma das quatro faces, seja do falante ou do ouvinte. São elas: 1) face positiva do falante; 2) face negativa do falante; 3) face positiva do ouvinte; 4) face negativa do ouvinte. Assim, ao utilizar atos de fala, usa-se também um ato ameaçador de face (*face-threatening acts* - FTA).

O QUADRO 1 a seguir detalha cada uma delas:

QUADRO 1: ‘Atos ameaçadores da face’

Atos ameaçadores da face:
1) positiva do falante: <i>desculpas, auto-humilhação, autocrítica, confissão, descontrole emocional, reconhecimento de culpa etc.</i>

2)	negativa do falante: <i>agradecimento (Falante (F) reconhece estar em débito com ouvinte (O)), aceitação de um oferecimento (F coloca-se em débito com O), relutância em prometer ou em oferecer algo (F evidencia não querer se comprometer com a realização de ação futura).</i>
3)	positiva do ouvinte: A) <i>F avalia negativamente algum aspecto da face positiva de O: desaprovação, crítica, desprezo, insulto, acusação, discordância etc.</i> B) <i>F demonstra não se preocupar com a face positiva de O: deboche, menção a tópicos considerados inapropriados para o contexto, interrupção da fala de O, desatenção, menção a notícias ruins sobre O etc.</i>
4)	negativa do ouvinte: A) <i>F pressiona O a realizar ação futura: ordem, pedido, sugestão, aviso, advertência, desafio etc. (Todos os atos diretivos.)</i> B) <i>F coloca O em débito, pressionando a aceitar futura ação de F: oferecimento, promessa.</i> C) <i>F evidencia desejar ou admirar O ou alguma coisa que lhe pertence: cumprimento (F evidencia que gosta de O), expressões de inveja, admiração, ódio, cobiça etc.</i>

Fonte: Culpeper (1996, p. 358)

Nessa perspectiva, a vulnerabilidade das faces sempre é proferida pelo falante, o que acontece é o não uso dos FTA's ou o emprego de estratégias que amenize a ameaça. Por outro lado, na perspectiva de Culpeper (1996), para cada estratégia de polidez apresentada acima, temos estratégias da impolidez. A impolidez é realizada por meio das seguintes estratégias:

- ***bald on record impoliteness***: o FTA é realizado de uma forma direta, clara, sem ambiguidade e concisa, em circunstâncias em que a preocupação com face não é irrelevante ou minimizada.
- ***impolidez positiva***: o uso de estratégias que prejudicam os desejos de face positiva do destinatário.
- ***impolidez negativa***: o uso de estratégias que prejudicam os desejos de face negativa do destinatário.
- ***impolidez off-record***: o FTA é performado por meio de uma implicatura, mas de tal maneira que uma determinada intenção claramente tem maior peso do que qualquer outra.
- ***Polidez withhold (retida, negada)***: não se usam estratégias de polidez em circunstâncias em que esse uso é esperado.

O uso das estratégias de impolidez positiva, cria condições para a ignorância do outro, de forma que a sua presença é despercebida e menosprezada. Com isso, o outro é excluído de uma determinada atividade, marcado pela desassociação ou negação de associação com o outro. Assume-se uma posição de desinteresse e antipatia em relação ao outro, ou seja, não há preocupação com ele. Com relação às marcas linguísticas que mostrem este tipo de estratégia, há o uso de marcadores de identidade inapropriados, como

títulos, apelidos ou sobrenomes que identifique alguém próximo ou distante à pessoa que se busca referir.

A linguagem utilizada, portanto, é obscura, sigilosa e ofende o outro por meio de uso de jargões e códigos não reconhecidos pelo atingido pela impolidez. O falante consiste em obter discordância, ao selecionar tópicos sensíveis e delicados. Isso deixa o outro desconfortável, proporciona ofensa, verbalmente, com brincadeiras e conversas inconvenientes. Há também preferência por denominações pejorativas para chamar o outro (Culpeper, 1996, p. 358).

Sobre a impolidez negativa, há o uso mais incisivo da linguagem que gera um conflito mais grave com o outro, de forma que o assuste, fazendo-o acreditar que uma ação que lhe prejudique ocorrerá. Dessa forma, prevalece a violência e opressão, pois tal estratégia permite que o falante despreze o outro, enfatizando seu poder, com desdenha e diminuição do outro por meio de uso de diminutivos. Isso também se dá pela invasão do espaço do outro, avançando os limites que a posição permite ou pela indagação inapropriada de assuntos íntimos do outro. Aqui se percebe os aspectos altamente nocivos e perversos da impolidez negativa. Há também a associação de aspectos negativos ao outro por personalização e uso de pronomes pessoais, como “eu” e “você”. Fazer o outro se sentir em dívida com você também é uma característica dessa estratégia (Culpeper, 1996, p. 359).

Na próxima seção, trataremos primeiramente sobre a problemática da situação de rua em que muitas pessoas se encontram para que, na seção 4, possamos identificar as estratégias de polidez e impolidez na matéria “Baiano em situação de rua flagrado com esposa de personal fala pela primeira vez e diz que sexo foi consensual” do site *Sul Bahia News* e nos comentários no Facebook.

2 Situação de rua

Conhecida como “problema de morador de rua”, a situação de rua é uma problemática social que tem afetado muitas pessoas no mundo. De modo especial, no Brasil é possível identificar em pesquisas e levantamentos a quantidade de pessoas que vivem em condições de rua. Sem moradia, essas cidadãs e esses cidadãos são constantemente expostos a diversas formas de violência na rua, ocupam espaços públicos

como modo de sobrevivência. Geralmente essas pessoas não se abrigam em locais escondidos, mas em lugares que são movimentados e que têm fluxo maior de pessoas.

Diversos também são os fatores que contribuem para que essas pessoas vão para as ruas. De acordo Silva (2009), o desemprego, desavenças familiares e o uso de drogas lícitas e ilícitas são algumas das causas que levam a essa situação. Apesar de parte da sociedade se sentirem em riscos por ter próximas pessoas em situação de rua, esses riscos não estão restritos a uma parcela da população, mas, tanto podem oferecer quanto receber riscos diversos, como podemos identificar em notícias diversas de pessoas em situação de rua violentadas de várias formas chegando, às vezes, até a morte, de forma cruel, (por pedradas, fogo, facadas entre outras).

A situação de rua em suas diferentes instâncias tem afetado a vida de várias pessoas no Brasil. Atualmente, desde o início da pandemia da COVID-19, o desemprego e o nível de pobreza aumentaram em níveis consideráveis, acentuando ainda mais a situação de rua. Em 2016, pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2016) apresenta dados surpreendente com uma quantidade de 101.854 pessoas em situação de rua. Outro dado fornecido pelo mesmo instituto em (IPEA, 2020) apresentou um aumento dessa população em situação de rua, chegando a 221.869 pessoas. Esses dados são importantes para refletirmos e identificarmos o nível dessa problemática social que tem aumentado ao passar dos anos no Brasil.

Alguns avanços foram significativos em prol de pessoas em situação de rua. A partir dos Movimentos de luta como o Movimento Nacional para População de Rua (MNPR) que surgiu em 2001 e, geralmente, é composto por pessoas que passaram pela mesma situação, incentivando outras pessoas também a sair das ruas. Outro avanço para essas pessoas foi a instituição da Política Nacional para População em Situação de Rua, em 2009; e, a partir dessa política, a criação do Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP). Essa foi uma ação política importante para o retorno às suas famílias e inserção na sociedade de pessoas que estão nas ruas. Apesar de alguns avanços, ainda necessitamos de políticas públicas eficazes diante do momento atual em que pessoas em situação de rua passam.

Pessoas que estão em situação de rua, geralmente, passam por vários outros problemas como a desigualdade social, estigmas e preconceitos. Multifacetada, a situação de rua tem sido uma problemática complexa, cheia de vieses, pois as pessoas que se encontram nessa situação geralmente enfrenta(ra)m crises de ordem psicoemocionais, bem

como de ordem sócio-política. A Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua identifica essas pessoas como “Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular” (Brasil, 2008, Art. 1º Parágrafo Único).

Alguns avanços foram percebidos, necessitando assim, de mais políticas públicas para essa população. Cidadãos e cidadãs em situação de rua, muitas vezes, não tem seus direitos garantidos, mas são frequentemente expostos na mídia de forma preconceituosa, principalmente quando surge um fato “inusitado” ou o cúmulo de atrocidade para com essas pessoas, assim como o massacre na Praça da Sé em São Paulo no dia 19 de agosto de 2014 que culminou na morte de sete pessoas em situação de rua e outras seis gravemente feridas. De acordo Coracini (2014) atualmente, a própria sociedade é considerada o espetáculo com crueldades, violências, atrocidades e até a intimidade é explicitada pela mídia.

Na seção 3, apresentaremos nossa proposta metodológica de análise para, enfim, na seção 4, apresentar nossa análise dos dados do *corpus* investigado.

3 Metodologia

Os passos metodológicos para este trabalho seguem o método qualitativo com o intuito de descrever, interpretar e explicar elementos discursivos presentes em notícias e seus respectivos comentários no contexto da problemática da situação de rua. Para Flick (2009), a pesquisa qualitativa refere-se aos aspectos essenciais que “consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas [...]; e na variedade de abordagens e métodos”. (p. 23).

O contexto deste trabalho se encontra na conjuntura da situação de rua. Na grande mídia, é possível identificar a fragilidade ao tratar sobre uma problemática social frágil que hegemoniza grupos de pessoas diversas com histórias de vida diferentes. Apesar das diferenças abrangentes, o problema da situação de rua pode ser visto em determinado local e expandir, trazendo repercussões positivas ou negativas. Dessa forma, estereótipos são formados colocando todas as pessoas em situação de rua em um “quadro” único.

Para este artigo, dentro da problemática da situação de rua, delimitamos um recorte para trabalhar as questões ligadas a polidez e impolidez no uso de expressões linguísticas

apresentadas na mídia. Especificamente, um fato envolvendo um homem em situação de rua que causou repercussão na mídia brasileira é o que nos chama atenção para o trabalho com a impolidez e polidez que são usadas em diferentes meios informativos.

O *corpus* escolhido para este trabalho, advém de um caso envolvendo uma pessoa em situação de rua na cidade Planaltina no Distrito Federal (DF). Há várias versões desse caso que repercutiu na mídia, causando uma série de posicionamentos, memes e até alvo de piadas de modo geral. Um suposto caso de traição entre uma mulher e um homem em situação de rua, envolvendo problemas de ordem psicoemocionais. Trata-se do envolvimento de um homem em situação de rua e, conforme chamadas jornalísticas, uma mulher de um personal trainer, noticiados em vários portais de notícias. O homem, na maioria das vezes, fora notificado como “mendigo”, além de outras escolhas lexicais que remetem a estereótipos formados pela sociedade. Esse caso e algumas repercussões serão apresentadas na seção 4, na nossa análise propriamente dita.

A escolha desse problema começou a partir do escancaramento desse caso em uma cidade no DF e, conseqüentemente, o avanço da repercussão em todo Brasil. Em Teixeira de Freitas, Extremo Sul da Bahia, esse caso também fora reportado no *site Sul Bahia e em* alguns comentários de *Facebook* do *site Chapada News* da cidade de Seabra, também no estado da Bahia.

Essas nuances, demonstram o efeito causado a partir de exposições tanto da mulher envolvida no caso de Planaltina, quanto do seu esposo e do homem em situação de rua. Entretanto, o alvo de maior destaque foi o homem em situação de rua, apresentando-o, algumas vezes, como piada, vítima, acusado, demonstrando fragilidade ao tratar de um caso que para a mídia é “inusitado”, conforme apresentaremos, na seção seguinte, dados que utilizaremos para obtenção de determinados aspectos da polidez e impolidez para descrição e, posterior, discussão.

4 Análise dos dados

Deve-se observar que a temática da situação de rua, conforme dito, tende alcançar repercussão nacional somente quando as pessoas que estão nessa condição são envolvidas em fatos inusitados. A exemplo disso, temos o caso envolvendo um cidadão em situação de rua, por nome de “Givaldo Alves”, também comumente conhecido pelas mídias como “mendigo do amor”. Este caso viralizou na *internet*, não apenas pelo seu estado de

vulnerabilidade nas ruas de Planaltina, Distrito Federal, mas especialmente por causa de uma suposta traição da esposa de *personal trainer* com uma pessoa em situação de rua. Conseqüentemente, o caso foi publicado por inúmeros meios de comunicação.

O primeiro texto analisado é uma notícia publicada no *Sul Bahia News* que está relacionada ao tema. A informação mais relevante que se tinha até então e que é divulgada por esta notícia é que a relação íntima entre a esposa do *personal* e o indivíduo em situação de rua foi estabelecida de forma consensual. Vale a pena enfatizar que o objetivo aqui não é fazer juízo de valor acerca do ocorrido, sendo tratado somente para fins da contextualização do assunto dos gêneros analisados. O fator a ser considerado é a presença de estratégias polidez e impolidez nos textos em questão e de que forma elas atacam a face dos falantes ou ouvintes (Culpeper, 1996, p. 356).

Aparece já na manchete da notícia a linguagem impolida conferindo dano à face positiva do ouvinte nas seguintes palavras: “baiano”, “flagrado” e “sexo”. O uso do termo adjetivo “baiano” aqui empregado é um indicativo de lugar, visto que a pessoa em situação de rua referida nasceu no interior da Bahia. Nesse sentido, não há nenhum problema em dizer que a pessoa em situação de rua é da Bahia, mas o destaque no título de que se trata de um “baiano em situação de rua” e a menção a isso em várias partes da notícia pode fazer aludir a depreciação do cidadão por ser nordestino, prejudicando a face positiva do referido, de modo que ocorra associações a ideia já pré-concebida de que “baiano é preguiçoso” ou à jargões costumeiros, tais como “baiano gosta de baianar”, “só podia ser baiano”. O termo “baiano” associada ao cidadão em situação de rua aparece pelo menos três vezes na notícia, sendo a última indicada pela seguinte forma: “o baiano titubeou”.

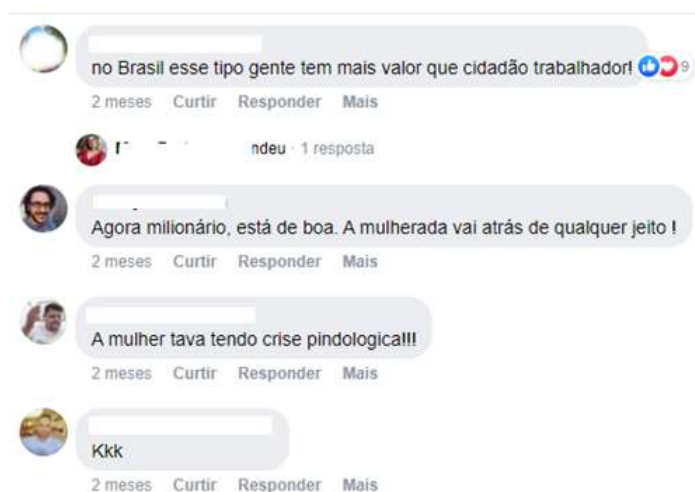
Ao mesmo tempo, ainda no título da notícia, o uso do termo flagrado associado à relação sexual (sexo) tende a expor informações que são muito íntimas de forma direta e indelicada, evidenciando, assim, a impolidez negativa. Dada a situação, o falante poderia optar por uma linguagem mais polida para apresentar tal informação. Talvez, a linguagem poderia variar se o caso tivesse envolvido pessoas de um estrato social econômico considerável, em que fosse intenção do falante “polir” no intuito de preservar a face da pessoa referida. Em muitos desses casos, a mídia utiliza de uma linguagem polida somente quando o referenciado tem influência ou autoridade política na sociedade, por exemplo.

Termos como “morador de rua” e “sem-teto” estão associados ao fato de o cidadão estar em situação de rua. O fato é que a associação de “morar” na rua atribui a pessoa em situação de rua uma condição fixa, determinada. No entanto, o mais adequado é considerar

a situação como passageira e reversível, tendo em vista que se trata de uma circunstância da vida da pessoa que pode e deve ser mudada. A negligência desse importante detalhe traz à tona a impolidez, por considerar normal o uso do termo “morar” para se referir (significar) ao fato de estar em situação de rua, quando o espaço adequado e pragmático de moradia seria uma casa e não a rua.

Além da notícia analisada do site do Sul Bahia News, coletamos comentários do *Facebook* feitos em publicações que fizeram referência ao assunto na página do *Chapada News*. Este é um *site* de notícias de grande circulação em Seabra-BA e, geralmente, as notícias publicadas no *site* são replicadas na sua respectiva página do *Facebook*. As publicações possuem título, texto com a descrição da informação e imagens utilizadas para a divulgação das informações, para engajamento da empresa de comunicação na plataforma, com a qual as pessoas que têm acesso à página têm a possibilidade de comentar o conteúdo, bem como dar opinião sobre a mesma. Na primeira publicação intitulada “Jornal descobre que Givaldo Alves já foi preso por sequestro e possui 4 identidades”, os internautas tecem comentários pejorativos e preconceituosos em relação ao Givaldo e à mulher do Personal Trainer, conforme mostra a IMAGEM 1.

IMAGEM 1: ‘Polidez negativa’



Fonte: *Facebook* do Chapada News

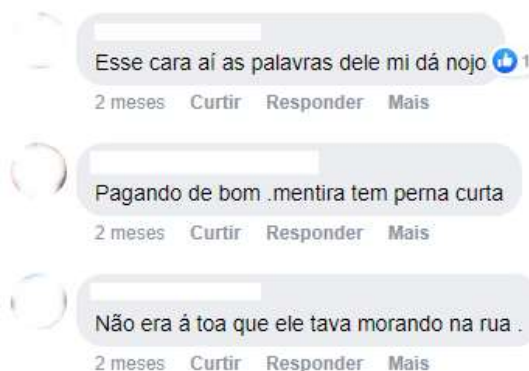
O falante, o ouvinte e a terceira pessoa a que se refere agem e reagem um sobre o outro. A estratégia de polidez positiva e negativa, utilizada pelo falante do primeiro comentário “no Brasil esse tipo gente tem mais valor que cidadão trabalhador!” tende a

imprimir a face negativa do destinatário (Gilvado Alves). O enunciador sugere a ideia de que a pessoa em situação de rua, referida na publicação, usufruiu de privilégios e direitos sociais, até mais que aqueles que colaboram com o seu trabalho para a sociedade. O uso do termo comparativo: “cidadão trabalhador” em contrapartida ao termo “esse tipo de gente” exemplifica o abismo que há para muitos em compreender que o termo “cidadão” também poderia ser utilizado no lugar de “esse tipo de gente”, estereotipado como pessoa sem valor. A maneira indelicada e irônica de explicar a suposta valorização da pessoa em situação de rua referida no Brasil implica que, por meio da polidez negativa, uma imagem positiva da situação é reproduzida de tal forma que a condição de vulnerabilidade do sujeito envolvido é ocultada. Verifica-se a estratégia de impolidez *off record*, onde através de atos de fala indiretos não-convencionais, reproduz sentidos que depreciam a face do destinatário (Culpeper, 1996, p. 357). No caso, a insinuação irônica do falante (Leech, 1983).

Com relação ao terceiro comentário, a mulher pelo qual o falante faz referência é a esposa do personal trainer. O insulto feito a ela é focalizado através da impolidez positiva ao utilizar linguagem abusiva com o uso do termo “pindologica”, fazendo alusão ao órgão reprodutor masculino e à versão do personal de maneira sarcástica, a de que sua esposa teria sido diagnosticada com transtorno afetivo bipolar e o que motivou a ação teria sido um surto psicótico. Pode-se dizer que a nocividade das estratégias de impolidez utilizadas pelos falantes para tal assunto é reflexo da naturalização e invisibilidade dessa problemática que é social. O que parece é que as pessoas não têm a impressão da gravidade da situação de rua, portanto, sequer buscam quebrar o discurso de naturalização.

Ainda nos comentários desta publicação, a impolidez negativa e positiva **são** novamente observadas. A falante do primeiro comentário exterioriza a sua indignação a respeito de “Givaldo Alves” por meio de linguagem opressora: “Esse cara aí as palavras dele mi dá nojo”. Embora essa tenha sido uma reação de revolta ao fato de Givaldo ter passagem por furto e roubo, o que atribui a ele imagem totalmente diferente da reproduzida na mídia até então, mesmo assim ainda se mostra como uma forma inapropriada e incisiva da linguagem que gera um conflito grave entre o falante e o outro. Sobre o mesmo assunto, aparece outros comentários junto a este primeiro, conforme mostra a IMAGEM 2:

IMAGEM 2: ‘Polidez negativa e positiva’



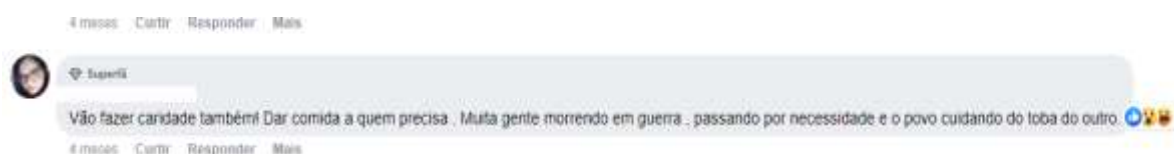
Fonte: Facebook do Chapada News

Ao contrário do primeiro ato de fala de impolidez que ataca a face negativa da pessoa em situação de rua em função do seu suposto histórico criminal, o terceiro comentário ameaça a face positiva do cidadão em situação de rua em função do entendimento que tal fato contribuiu para ele estar nas ruas. Ambas as formas estão inadequadas, em especial a segunda, tendo em vista que o fato de Givaldo ter passado por uma circunstância, ou seja, que tenha se envolvido com ilícito não significa que, necessariamente, isso tenha motivado a sua ida para as ruas. Em muitos desses casos, a pessoa passa a estar exposta aos diversos estereótipos e, conseqüentemente, à violência e criminalidade após a ida às ruas.

O sentido gerado por estas estratégias de impolidez são prejudiciais à face positiva da pessoa em situação de rua e, conseqüentemente, à representação da problemática, sendo a primeira, negativa, mas amenizada pela revolta justificada pelo conteúdo comentado, e a segunda positiva, mas destrutiva, no sentido de associar diretamente sem clareza o motivo de estar nas ruas ao fato de ter cometido crimes e ter sido preso no passado.

A estratégia de impolidez *off record* também é identificada em um dos comentários de outra publicação:

IMAGEM 3: ‘Impolidez *off record*’



Fonte: Facebook do Chapada News

A concepção de sarcasmo e escárnio é utilizada neste comentário da IMAGEM 3; o Princípio da Ironia (IP) é representado no comentário da falante ao dizer “vão fazer

caridade também”. É perceptível que a menção aqui realizada se destina aos outros usuários do *Facebook* que assim como ela, estão comentando na publicação. Esta impolidez negativa retoma a ideia de que o ocorrido teria sido um caso de caridade da esposa do personal para com o cidadão em situação de rua gerando humor e sarcasmo que deprecia a face positiva do ouvinte e da pessoa referida. Leech (1983) descreve o princípio da ironia como ofensa que não tem conflito evidente em relação ao outro, mas ofende indiretamente. A descrição de Leech (1983) pode ser relacionada às informações da imagem 3, uma vez que, de forma irônica, o conceito de caridade, que é empregado para beneficiar alguém e considerado uma virtude bíblica, é transposto para se referir ao ocorrido como um ato de bondade por envolver um indivíduo em situação de rua.

Considerações finais

A partir da análise apresentada, podemos dizer que o uso de estratégias de polidez e impolidez, especialmente aquelas que ameaçam a face positiva do cidadão em situação de rua, tem relação com a maneira que se compreende a situação de rua. Quanto às estratégias de impolidez mais graves que afetam a representação dos envolvidos no ocorrido, fica claro, a partir da descrição e análise da notícia e de comentários feitos em publicações do *Facebook*, que não há nenhuma pretensão de amenizar a ameaça do ato, sobretudo em relação à pessoa em situação de rua que teve a sua face atacada (afetada), inclusive por estar em situação de rua.

A mídia atual corroborando a promoção do preconceito e de intolerância quando traz à tona somente notícias de casos inusitados que envolvam a situação de rua apenas quando acontece algo inesperado, buscando diminuir a gravidade da real situação de cidadãos em situação de rua no país. Isso é tão naturalizado ao ponto de as pessoas não perceberem o quão delicado é tal circunstância e, provavelmente, elas não terão a impressão que o preconceito e a intolerância não soam como prejudicial, quando se desenvolve a ideia de que estas pessoas merecem tal situação. Muitos dos comentários proferidos contêm impolidez negativa que menosprezam e exclui a real representação do cidadão em situação de rua.

A utilização de linguagem ofensiva mostra-nos, de maneira explícita, o desinteresse por parte dos leitores e dos jornais em relação a temática de pessoas em situação de rua dos leitores, pois, conforme evidenciamos nos termos empregados, há a promoção da antipatia

e violência em relação às pessoas em situação de rua. Ao lidar com esta temática, os jornais deveriam utilizar-se de uma linguagem polida, cujo objetivo seja apresentar a real situação dos envolvidos na discussão, bem como desfazer-se de termos pejorativos e inadequados ao referir-se aos cidadãos de rua. O uso de tais estratégias utilizadas tanto pela notícia veiculada no jornal quanto pelos termos dos comentários analisados não é desejável, pois cria uma sequência de discursos de ódio replicados e só agrava o problema e dificulta a luta contra ele, num Brasil onde as discussões políticas estão cada vez mais polarizadas.

Referências

ALBUQUERQUE, Rodrigo; MUNIZ, Aline. *A enunciação de pedidos como estratégia de (im)polidez no contexto de ensino de português brasileiro como língua adicional*. SOLETRAS, Rio de Janeiro, v. 39, p.165-191, 2020.

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Sumário Executivo da Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*. São Paulo: Meta Instituto de Pesquisa de Opinião, 2008.

BRASIL. *Decreto nº 7.053/2009, de 23 de dezembro de 2009*. Política Nacional sobre a População em situação de Rua. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm>. Acesso em: 18 Jul. 2022.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CHAPADA, 2020. Facebook. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02vzUNM4fFBbr8xgv7NZPZyoBesQBw3XHxKg2vjcdV3Zcam72bzmixUGTQvy2GLXWkI&id=100057170545946. Acesso em 22 jul 2022.

CHAPADA, 2020. Facebook. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid033vasGXEXH2EJ464rnvXLG9o835WdBN4d5L5EbueqBxwhRDSWrGDukSrhUkYhXz2xl&id=100057170545946&m_entstream_source=timeline. Acesso em 22 jul 2022.

CORACINI, Maria José; CARMAGNANI, Ana Maria G. (Orgs). *Mídia, exclusão e ensino: dilemas e desafios na contemporaneidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

CULPEPER, Jonathan. *Towards an anatomy of impoliteness*. Journal of Pragmatics 25. Lancaster University. Lancaster: 1996. p. 349-67.

CUNHA, Gustavo Ximenes; OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. *Teorias de im / polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema. Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista. v. 18, n. 2, 2020.*

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GRICE, Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo. (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*, vol. IV, Campinas: [s.n.], 1982.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. *Estimativa da população em situação de rua no Brasil*. Brasília: IPEA, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. *Nota técnica. Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020)*. Brasília: IPEA, 2020.

LEECH, Geoffrey. *Principles of Pragmatics*. London : Longman, 1983.

PAIVA, Geórgia Maria Feitosa; OLIVEIRA, Francisca Poliane Lima. *A estratégia de (re) categorização na interface entre polidez e impolidez linguística*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 20 (especial), 2019.

SEARLE, John R. *Austin on locutionary and illocutionary acts*. The philosophical review, v. 77.4, p. 405-424, 1968.

SEARLE, John R. What is a speech act? In: BLACK, Max. (Org.) *Philosophy in America*. Cornell: Cornell University Press, 1965. p. 136-154.

SEARLE, John R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos da fala*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. *Trabalho e população em situação de rua no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.

SUL BAHIA NEWS. Baiano em situação de rua flagrado com esposa de personal fala pela primeira vez e diz que sexo foi consensual. 2022. Disponível em: https://www.sulbahianews.com.br/baiano-em-situacao-de-rua-flagrado-com-esposa-de-personal-fala-pela-primeira-vez-e-diz-que-sexo-foi-consensual/?utm_source=whats_sbn&utm_medium=link_curto_sbn&utm_campaign=link_curto_sbn. Acesso em: 19 Jul. 2022.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.